

Psicanálise e Sociologia*

Erich Fromm

Tradução: Ralph Roman K. Gniss**



Erich Fromm (1900-1980)

O problema das relações entre psicanálise e sociologia, assunto que terei que abordar durante os cursos deste instituto, tem dois lados. Um é a aplicação da psicanálise à sociologia, o outro a aplicação da sociologia à psicanálise. Não é possível elencar em poucos minutos todas as questões e todos os temas resultantes destes dois aspectos. Tentarei de fazer uns comentários básicos sobre os princípios que nos parecem importantes para a abordagem científica dos problemas psicanalítico-sociológicos.

A aplicação da psicanálise à sociologia tem que se precaver contra o erro de oferecer respostas psicanalíticas, onde fatos econômicos, técnicos e políticos apontam à explicação real e suficiente das questões sociológicas. Por outro lado, o psicanalista deve observar que o objeto da sociologia, a sociedade, é sempre composta por indivíduos e que estas pessoas concretas com seu fazer,

pensar e sentir são os objetos da investigação sociológica, mas não uma sociedade abstrata como tal. Essas pessoas não têm uma ‘alma individual’, que entra em função, quando a pessoa atua como indivíduo, sendo ela então objeto da psicanálise, e, além dela, uma separada ‘alma de massa’, com vagos sentimentos sociais, de solidariedade, instintos de massa etc., quando a pessoa aparece como parte de uma massa, ou ainda, quando o sociólogo cria para si termos laicos sobre fatos psicanalíticos que ele não conhece. Não há estas duas almas no ser humano, mas apenas uma, na qual vigoram os mesmos mecanismos e leis; os seres humanos atuem, seja como indivíduos, seja como sociedade, classe, comunidade ou de outro modo. O que a psicanálise pode contribuir à sociologia é o – sempre incompleto – saber sobre o psiquismo do ser humano que, além de fatores técnicos e econômicos, constitui um determinante para o desenvolvimento social e merece a mesma ponderação como os outros fatores acima mencionados. Cabe a ambas as ciências investigar até que ponto e de que modo o psiquismo do ser humano atuou de maneira causal ou constitutivo no desenvolvimento ou na formação da sociedade.

Aqui seja mencionado um concreto problema essencial: Trata-se de investigar a questão, qual papel assumem os impulsos, o inconsciente no

ser humano na formação e no desenvolvimento da sociedade e dos fatos sociais; e até que ponto a alteração da estrutura psicológica do homem enquanto crescimento da organização do Eu, isto é, da integração racional do impulsivo e natural é um fator sociologicamente relevante.

Agora o outro lado do problema, a aplicação de aspectos sociológicos à psicanálise: como é importante o sociólogo respeitar que a sociedade é composta de homens vivos e que a psicologia é um dos fatores decisivos no desenvolvimento social, igualmente o psicólogo não pode ignorar o fato que o indivíduo só existe, de fato, como homem socializado. A psicanálise pode reclamar para si que, ao contrário de outras escolas psicológicas, entendeu este fato desde o início. O reconhecimento do fato que não existe um *homo psychologicus*, um Robinson Crusoe psicológico, faz parte das bases da sua teoria. A orientação básica da psicanálise é genética^{***}, ela dedica seu interesse especial à infância, e ela faz entender uma parte essencial do psiquismo do ser humano por meio da sua ligação a mãe, pai, irmãos, a família e a sociedade. A psicanálise entende o desenvolvimento do ser humano a partir do desenvolvimento do seu relacionamento com seu mundo mais próximo e familiar, e ela entende que seu psiquismo é formado por esses relacionamentos de maneira decisiva.

Isso é, com certeza, apenas uma base, da qual resultam vários problemas importantes, até agora não tratados; por exemplo, a questão até que ponto a família por si mesma é produto da uma determinada formação social, e até que ponto uma alteração da família, socialmente condicionada, poderia influenciar o desenvolvimento do psiquismo individual. Ou a questão da

importância do crescimento técnico, isto é, de uma crescente satisfação dos impulsos ou de uma decrescente frustração sobre a psique do indivíduo.

A disposição inicial, separando problemas resultantes da aplicação da psicanálise à sociologia e da sociologia à psicanálise é apenas superficial e corresponde a necessidades práticas. Do condicionamento mútuo entre ser humano e sociedade resultam vários importantes problemas, onde não se pode se referir à aplicação de um método ao outro, mas onde um único fato, sendo tanto um psicológico quanto um sociológico, deve ser investigado por ambos os métodos e entendido por ambos os lados. Um problema desses é o que aborda o último livro de Freud: até que ponto podem conteúdos psíquicos, que são igualmente fenômenos sociais, tal como a religião, depender em seu surgimento e desaparecimento do desenvolvimento material da humanidade. Freud defende que a religião seja o correlato do desamparo do ser humano perante a natureza. Ele abre a discussão para um problema que pode ser contado entre as questões psicológico-sociológicas mais importantes: a questão qual a conexão existe entre o desenvolvimento social da humanidade, principalmente do econômico-técnico, e do desenvolvimento do psiquismo, principalmente da organização do Eu. Ele levanta a questão sobre a história do desenvolvimento da psique. A psicanálise levantou esta questão apenas para o indivíduo e a respondeu. No seu último livro, Freud estendeu a questão genética ao desenvolvimento psíquico da sociedade e deu dicas importantes ao futuro trabalho psicanalítico-sociológico.

Resumindo: a psicanálise, que entende o ser humano como socializado, que

desenvolve e define seu psiquismo principalmente por meio da relação do indivíduo com a sociedade, tem de se entender como encarregada em participar das respostas aos problemas sociológicos, na medida em que o ser humano ou sua psique cumprem algum papel. Neste seu esforço ele cita as

palavras – não de um psicólogo – mas de um dos sociólogos mais geniais: “A história faz nada, ela não possui riquezas imensas, ela não luta. É o homem, o homem real, vivo, que tudo faz, possui e luta.” (K. Marx, 1962, p. 777).

* Publicado originalmente em: FROMM, Erich. *Psychoanalyse und Soziologie*. In: *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, Wien (Internationaler Psychoanalytischer Verlag), Band 3 (1928/29), S. 268-270. Traduzido e publicado com a permissão do administrador do testamento de Erich Fromm, Dr. Rainer Funk, Tuebingen.

** Professor da Faculdade de Filosofia/UFG – Universidade Federal de Goiás.

*** Tradução textual, no sentido de “biográfico”.